



1. As Ordens religiosas contam-se entre os principais encomendadores da arquitectura românica.

O Românico em Portugal

O estilo românico surge, em Portugal, nos finais do século XI no âmbito de um fenómeno mais vasto de europeização da cultura, que trouxe para a Península Ibérica a reforma monástica clunicense e a liturgia romana. A chegada das Ordens religiosas de Cluny, Cister, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e das Ordens Militares, Templários e Hospitalários, também deve ser enquadrada no processo da Reconquista e da organização do território.

A conquista de Coimbra (1064) aos mouros, por Fernando Magno de Leão, deu uma maior segurança às regiões do Norte, propiciando importantes transformações sociais e económicas. Esta época é marcada por um crescimento demográfico, por uma muito mais densa ocupação do território e por um *habitat* mais estruturado.

A expansão da arquitectura românica, em Portugal, coincide com o reinado de D. Afonso Henriques. Foi nesta época que se iniciaram as obras das Sés de Lisboa, de Coimbra e do Porto e que se construiu o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, que incorporaria na sua torre-pórtico o panteão da 1.^a dinastia. Esta Ordem, de origem francesa e favorecida por D. Afonso Henriques, estabeleceu-se na cidade do Mondego em 1131, tendo rapidamente irradiado as suas fundações para o Norte e para o Sul do território e estabelecido a sua presença em Lisboa, no mosteiro de São Vicente de Fora, logo depois da conquista desta cidade aos mouros.

Sendo uma arquitectura predominantemente religiosa, o românico está muito relacionado com a organização eclesiástica diocesana e paroquial e com os mosteiros das várias ordens monásticas, fundados ou reconstruídos nos séculos XII e XIII.

Os principais encomendadores da arquitectura românica foram os bispos das dioceses então restauradas – Braga, Coimbra, Porto, Lamego, Viseu, Lisboa e Évora – e os priores e abades dos mosteiros.

A Época Românica é coeva, em Portugal, do período em que se estrutura o seu *habitat*, com as freguesias e toda uma organização religiosa e vicinal de aldeamentos. De facto, a expansão do estilo românico não corresponde propriamente à Reconquista, mas antes à organização do território. As dioceses dividem-se em paróquias que têm, no Entre-Douro-e-Minho, uma rede muito densa. Nos séculos XII e XIII surgem novas paróquias, não somente nesta região, mas também em Trás-os-Montes, no Alentejo e no Algarve, acompanhando as linhas de força da demografia medieval.

Na segunda metade do século XI, a região de Entre-Lima-e-Ave contava com 576 freguesias às quais devem ser acrescentadas as 90 das terras de Guimarães e Montelongo. O território de Entre-Lima-e-Minho apresentava uma densidade semelhante à da rede paroquial, que diminuía a Sul do Ave e a Norte da bacia do Douro. No entanto, no século XIII, o termo do Porto, dividido em 7 julgados e 173 paróquias, nos quais se incluíam os julgados de Penafiel e Aguiar, acusava já um denso povoamento.

De uma maneira geral, a paróquia do Entre-Douro-e-Minho delimita-se pelos cumes das elevações que a cercam, por velhos caminhos e pelas vias fluviais mais importantes. A sua área é relativamente pequena. Quando se organizam nos séculos XII e XIII, as freguesias exigiam uma média de 15 a 20 agricultores, necessários para assegurar económica e religiosamente uma vila eclesial. Nesta altura a freguesia já se apresenta como um espaço muito bem definido, englobando uma área, contígua ou não, destinada a campos de cultivo, o *ager*, outras áreas ocupadas por *soutos* de carvalhos e de castanheiros, reservada à criação de gado suíno, fundamental na economia e na alimentação, e outras de *monte*, ou seja, áreas de matos destinadas à pastorícia e à criação de gado.

As comunidades rurais organizam-se à volta de uma igreja, com o seu espaço dedicado ao cemitério. A igreja é o pólo sacralizador de todo o espaço da freguesia. Simbolicamente, ela é uma cidadela contra o mal porque guarda os santos com as suas relíquias invencíveis, triunfantes e gloriosas. Aí se concentram as cerimónias que asseguram a protecção de Deus e dos santos.

Como já expressou C. A. Ferreira de Almeida, a arquitectura românica portuguesa mais do que em qualquer outra região, tem de ser apreciada *in situ*. Só inserida na paisagem e no *habitat* local é que ela é verdadeiramente compreensível e rica de ensinamentos.

Relativamente às igrejas da Alta Idade Média, a igreja românica mostra uma organização diversa das massas arquitectónicas, um espaço interno mais contínuo e uma modelação que corresponde à nova liturgia romana.



2. Apesar das alterações ocorridas ao longo do tempo, o *habitat* disperso da região do Vale do Sousa estrutura-se na Época Românica.

40



3, 4 e 5. A paróquia, na Época Românica, delimita-se pelos cumes das elevações que a cercam, por velhos caminhos e pelas principais vias fluviais.

A liturgia romana apresentava aspectos mais teatrais do que a liturgia moçárabe e por isso requeria espaços mais amplos e abertos. No entanto, esta diferenciação não significa que a igreja românica se apresente como um espaço diáfano, sem barreiras visuais entre as várias partes da igreja. É certo que as igrejas da Alta Idade Média peninsular, principalmente as das épocas visigótica e moçárabe, compartimentavam e hierarquizavam muito o seu espaço interno não permitindo, principalmente no caso dos templos moçárabes, a visualização do desenrolar do culto.

A igreja românica, ao utilizar muito sistematicamente a planta longitudinal, constituída por três naves, transepto e cabeceira ou simplesmente com nave única e cabeceira, constrói um espaço mais aberto e comunicante do que a igreja dos tempos anteriores, o que não significa que a visualização do altar-mor seja possível de todos os pontos das naves, ou nave. As igrejas das sés e de boa parte dos mosteiros ocupavam uma parte da nave central com o coro, destinado à comunidade de cónegos, no caso das primeiras e à comunidade monástica, no caso das segundas.

Em Portugal, a arquitectura românica concentra-se, essencialmente, no Noroeste e no Centro, adensando-se nas margens dos grandes rios. A arquitectura românica portuguesa não apresenta uma grande variedade de soluções, tanto no que diz respeito à planimetria como no que concerne ao jogo de volumes. No entanto, a escultura patenteia uma tão diversa e rica gama de soluções que permite a classificação regional e cronológica do românico português. Esta diversidade constitui um dos seus aspectos mais característicos e singulares.

A escultura românica portuguesa apresenta soluções muito diversas no território português. Se, por um lado, notamos semelhanças em igrejas regionalmente próximas, há, por outro, diferenças acentuadas de região para região e há ainda diferenças numa mesma região, que se explicam por razões cronológicas. É disso exemplo a escultura românica das igrejas que se situam entre os rios Lima e Minho. A fronteira política entre Portugal e Galiza, materializada pelo Minho, não correspondia a uma fronteira eclesiástica, uma vez que esta mancha do território pertenceu à Diocese de Tui até 1381.

Nas igrejas dos antigos mosteiros de São Salvador de Ganfei, Sanfins de Friestas e São João de Longos Vales, a escultura arquitectónica segue claramente modelos do transepto da Sé de Tui, bem como outras tipologias muito difundidas na Galiza, principalmente na província de Pontevedra durante os meados e a segunda metade do século XII.

Em Sanfins de Friestas (Valença), a igreja do antigo mosteiro beneditino é um excelente indicador de quanto uma igreja românica deve ser entendida não só pela arquitectura que patenteia, mas pelo local escolhido para a sua implantação.

Sobre uma plataforma ergue-se a igreja de uma nave, muito alta relativamente à largura, de grande qualidade construtiva, decoração rica e exuberante, características que fazem desta igreja um dos melhores exemplares do românico português. No exterior, as cornijas da nave e da cabeceira são ritmadas por cachorros e capitéis de poderosa volumetria na escultura e assinalável variedade dos temas.

Ainda na margem esquerda do Minho, na sua parte mais Oriental, há um grupo de igrejas românicas que acusa influências galegas, entre as quais se destacam a igreja de São Salvador de Paderne e a Capela de Nossa Senhora da Orada, ambas no concelho de Melgaço. No entanto, estes templos apresentam uma escultura muito diversa das anteriores. Se, por um lado, estas construções têm uma cronologia menos recuada, reportando-se a meados do século XIII, por outro, os influxos que receberam da Galiza, no que diz respeito à tipologia das peças e aos motivos da escultura, foram adoptados profusamente na

província de Orense. As soluções da escultura destas igrejas portuguesas encontram igualmente paralelo nos programas adoptados nas igrejas cistercienses da Galiza.

Situada na margem esquerda do Lima, em território da Diocese de Braga, a igreja de São Salvador de Bravães (Ponte da Barca) mostra bem como os *dialectos* da escultura românica portuguesa se associam, por vezes, numa mesma construção. Esta igreja, que fez parte de um mosteiro de Cónegos Regrantes, é muito celebrada na historiografia da arte românica portuguesa devido à profusão da sua volumosa escultura e ao programa invulgar do seu portal axial. Formalmente, os capitéis e as bases deste portal estão muito próximos dos modelos derivados da Sé de Tui, a partir de meados do século XII.

O portal de Bravães é, no contexto da arte românica portuguesa, o mais eloquente testemunho de portal como *Porta do Céu* ou como *Porta da Salvação*. Nesse sentido, o tímpano mostra uma *Maiestas Domini*, ou seja, Cristo na Glória do Céu, dentro de mandorla segura por dois personagens. Numa das arquivoltas figura-se o apostolado e, no seu seguimento, há duas estátuas-coluna onde se representa a Anunciação. No fuste da esquerda está representada a Nossa Senhora com a mão esquerda sobre o ventre o que, iconograficamente, se reporta a Nossa Senhora do Ó (ou Santa Maria de Ante-Natal), motivo muito glosado na escultura medieval hispânica. No fuste que fica à direita do observador está representado o Anjo São Gabriel, com barba. A estes elementos associam-se fustes onde se enroscam serpentes, outros por onde sobem quadrúpedes e ainda outros com aves tratadas à maneira de aduelas, constituindo todo este conjunto uma *Porta da Salvação* simbolizada pela Anunciação.

Enquanto que a cabeceira aparenta ser a parte mais antiga da igreja, sendo datável de meados do século XII, o portal deve ser enquadrado em data pouco anterior aos meados do século XIII. Ele apresenta elementos decorativos nos capitéis que se aproximam de modelos derivados da Sé de Braga.



6. Igreja de São Salvador de Bravães (Ponte da Barca).

42



7. Igreja de São Salvador de Bravães (Ponte da Barca).
Detalhe do portal ocidental.



8. Igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim).



9. Igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim). Portal ocidental.



10. Igreja de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim). Portal sul.

A Sé de Braga e a igreja do antigo mosteiro beneditino de São Pedro de Rates (Póvoa de Varzim) correspondem a estaleiros românicos onde se caldearam e a partir dos quais se difundiram modelos formais e temáticos que irão chegar a várias igrejas da região de Braga e Guimarães e da Bacia do Ave.

O actual edifício românico da Sé de Braga, que teve sucessivas alterações ao longo do tempo, deverá ter tido início na década de 30 do século XII, como demonstram as bases e os capitéis das parcelas mais antigas. O portal axial, parcialmente alterado nos inícios do século XVI, apresenta um programa escultórico da segunda metade do século XII, com capitéis muito originais na forma do cesto e na decoração fitomórfica. Na Sé de Braga há igualmente capitéis de ascendência provençal e borgonhesa, como aliás acontece em São Pedro de Rates.

A igreja de Rates teve uma atribulada construção, muito demorada, e patenteia bem as alterações que foram modificando o seu programa inicial. Os capitéis das parcelas correspondentes aos meados do século XII onde estão figurados quadrúpedes e aves afrontadas na esquina, correspondem a modelos franceses, talvez da região da Borgonha.

Os modelos de capitéis, bases, aduelas, impostas e frisos, bem como a escultura dos tímpanos que vemos na Sé de Braga e em São Pedro de Rates tiveram uma larga difusão nas áreas circundantes a estes dois estaleiros que, desta forma, funcionaram como pólos irradiadores de modelos muito repetidos e também muito regionalizados, em vários exemplares de igrejas românicas já de expressão tardo-românica.

Na margem esquerda do Douro, principalmente no aro da cidade de Lamego, a arquitectura românica exemplificada pelas igrejas de São Martinho de Mouros e de São Pedro das Águias, embora utilize uma linguagem algo particular no arranjo de portais e alçados, tem elementos que a aproximam do românico bracarense.

No concelho de Cinfães destaca-se o mosteiro de Tarouquela que apresenta uma capela-mor muito elaborada e rica de ornamentação. No concelho de Resende, a igreja de São Martinho de Mouros é um edifício singular que acusa um carácter defensivo pela inclusão de um maciço turriforme que serve de fachada ocidental e que, no interior, forma um pórtico abobadado. Na Ermida de Paiva, em Castro Daire, os temas decorativos têm paralelos no românico das bacias do Sousa e do Tâmega. No Alto Douro e nas dioceses de Viseu e da Guarda há uma vasta série de igrejas cujas soluções tardias acusam um românico de resistência. Muitas delas, como a de Nossa Senhora da Fresta (Trancoso) ou a de Póvoa de Mileu (Guarda), apesar de habitualmente serem classificadas de românicas, correspondem, no entanto, à Época Gótica.

Se a mancha da arte românica é muito densa no Entre-Douro-e-Minho, sempre muito povoado, já na região de Trás-os-Montes ela é muito mais rarefeita, correspondendo a um *habitat* aglomerado e a uma fraca densidade populacional. As igrejas românicas transmontanas correspondem, na sua maioria, a construções bem mais tardias devendo ser, muitas delas, consideradas já protogóticas ou mesmo da Época Gótica. A igreja de Nossa Senhora da Azinheira de Outeiro Seco (Chaves) apresenta um portal muito simplificado onde já sentimos que os capitéis resultam de uma longa repetição de modelos. A igreja matriz de Chaves, que só parcialmente é da Época Românica, acusa influências do românico galego, leonês e castelhano. Já o caso da remanescente cabeceira do antigo mosteiro beneditino de Castro de Avelãs (Bragança) é de clara ascendência leonesa. Construída em tijolo, caso muito singular no românico português que chegou até hoje, deve ser classificada dentro da expressão mudéjar da arquitectura românica.

Ainda na região transmontana é de realçar o programa escultórico da pequena igreja de S. Salvador de Ansiães (Carrazeda de Ansiães), onde domina a representação do *Pantocrator* (*Cristo em Majestade*)

rodeado pelo *Tetramorfo*. Nas arquivoltas representou-se um apostolado e o tema das cabeças em bico acusa influências do românico bracarense.

As influências forâneas, muitas vezes regionalizadas, são uma constante na escultura românica portuguesa e a sua origem é muito variada. A Sé do Porto é disso um exemplo. Apesar das grandes alterações que sofreu na Época Moderna e do profundo restauro de meados do século XX, a Sé do Porto patenteia, tanto no programa arquitectónico como na escultura, influências da zona francesa do Limousin. As frestas apresentam sempre toros diédricos e os capitéis são desprovidos de ábaco, próprios daquela região do Centro-Oeste de França. No entanto, há também capitéis que se reportam a modelos da Sé Velha de Coimbra. As intensas relações comerciais entre a cidade do Porto e La Rochelle, já na Época Românica, explicarão a chegada de mestres daí originários. Na catedral do Porto trabalhou também Mestre Soeiro, vindo do estaleiro da Sé Velha de Coimbra.

Coimbra é um centro de notáveis exemplos de arquitectura românica. Por razões históricas cedo recebeu influências eruditas vindas de França, às quais se miscigenaram reportórios e técnicas próprias da arte moçárabe, que tinha antecedentes bem enraizados na região, criando uma linguagem decorativa muito original, para a qual contribuiu também a existência de inúmeras pedreiras de calcário.

A igreja de Santa Cruz, reformada na época manuelina, deixa ainda perceber as influências vindas da Borgonha tanto na arquitectura, como nas soluções decorativas dos capitéis. A Sé Velha, um dos melhores edifícios românicos portugueses, desenvolve uma espacialidade que recorda a Catedral de Santiago de Compostela. As galerias de circulação são muito semelhantes às utilizadas nas igrejas da Normandia. Esta solução deve ser atribuída a Mestre Roberto que, trabalhando na Sé de Lisboa, se deslocou várias vezes a Coimbra para orientar as obras da Sé.

Já a igreja de São Salvador apresenta soluções espaciais próprias do Sul da Península Ibérica. O românico de Coimbra irá ter uma notória influência em construções do Centro e do Norte de Portugal.

A Sé de Lisboa, muito alterada por desastres naturais e por atribulados restauros, é ainda um testemunho dos influxos românicos do Norte da Europa. Mestre Roberto, já referido a propósito da Sé Velha de Coimbra, foi o responsável pela catedral de Lisboa. Segundo C. A. Ferreira de Almeida, a Sé de Lisboa representa, em Portugal, um grande avanço nas soluções arquitectónicas e decorativas. Os seus alçados, a torre-lanterna, a luminosidade e o arranjo da fachada com duas torres fazem desta igreja a mais europeia e setentrional das construções românicas portuguesas.

No contexto da arquitectura românica portuguesa deve ainda ser destacada a Charola do Convento de Cristo, em Tomar, sofisticado exemplar da arquitectura religiosa dos Templários, em planta centralizada à maneira do Templo do Santo Sepulcro de Jerusalém.

O românico cisterciense, exemplificado pela magnífica igreja do mosteiro de São João de Tarouca, acusa claramente a sobriedade e a funcionalidade que a acção de São Bernardo imprimiu à arquitectura da Ordem. Praticamente isenta de decoração, a sua arquitectura, que utiliza preferencialmente cabeceiras rectas, mostra um acentuado rigor na concepção do seu programa.



11. As Ordens religiosas instalaram-se no seio das melhores terras agrícolas.